

História cultural e Antropologia urbana; Análise entre as similitudes e distinções entre as “Cidades Prisionais e Cidades Fabris”.

“eu me interessei, antes de mais nada, pelos princípios nativos de classificação das atividades, das situações e das pessoas e, com isto, dei uma atenção extrema às fronteiras; fronteiras entre os de dentro e os de fora da fábrica” (WEBER 2009: 264).

Vê que o presidente da fábrica ocupa dois cargos, assim, além das histórias das fábricas, observamos as brigas para delimitar espaços de trabalhos e pessoais, que se tornam estopim, de inúmeras irrupções, assim como, sem como sem dúvida, também são expressas no cotidiano prisional, em meio à conflitos dentro do espaço interno a arquitetura prisional, entre os detentos, entre detentos e agentes, mas também entre os agentes e os policiais, para exercícios de funções e privilégios de administrações. O que em termos marginais significam os comandos das prisões “Rapaz sabe que se tem esse comando todo mundo fala que só se mata na cadeia depois dessas pessoas se reunirem, o que ninguém sabe é quem são” (trecho de narração Val, Fevereiro de 212) e que em termos oficiais significam direções e passam por facilitações e privilégios tanto para se exercer poder, como para impor problemas de gestões aos oponentes.

É essa bricolagem acaba descobrindo como se diz uma coisa e se faz outra cotidianamente. Talvez seja esse o sentido da relação entre a história e antropologia “Interpretação aprofundada destes acontecimentos microscópicos” (WEBER 2009:15) (interpretação das culturas e semiótica geertz), referentes às regras de serviços e as bricoles e superposição das relações, entre as separações dos espaços, do trabalho assalariado, a profissão marginal e entre os dois, a ocupação extra, que produz o efeito tático¹ relativos a ambos.

Etnografia dos operários sob foram engajada sentimental “imediate ou egocêntrica, que acentua o prazer dos sentidos ou as qualidades intrínsecas do objeto” (WEBER 2009: 268), em meio a história da constituição dos operários e suas lutas para distinção do estatuto marginal, sob qual derivam as prisões, que age em meio as percepções por “julgamento de gosto” (WEBER 2009: 268), tanto quanto pela análise da relação entre os profissionais que compõem o interior prisional e suas funções naquelas instituições, sob funcionamento rigoroso que permite observar o fiscalizar, o disciplinar e o fazer tanto num quanto noutro.

Embora não alinhado com a idéia Marxistas e/ou feministas, colocamos em disponibilidade de leitura em etnografia, dos sentidos Thompsonianos que descrevem a relações de classe entre operário, cujo artigo é a junção por vestígios não só porque trata dos operários na França, mas por descrever sua vida cotidiana “parte invisível da economia”. Resultado proletariados não presos à ordem industrial à descrever a economia fora das instituições, em atividades transformadas em símbolos culturais.

Tentando compreender os laços que unem as práticas dos indivíduos em suas relações com dois mundos; um da fábrica e dos detentos e quais as relações táticas surgidas em seu interior ou sobre os duas formas de comportamentos e como de dois modos de vida.

A vontade de pensar estes fenômenos separados do senso comum e da divisão do trabalho acaba por não mais formular hipóteses, mas pressuposto. Longe de julgamento, em atitude mental que colocas suas posições, “no interior da empresa e jogos da reputação no espaço da residência” (WEBER 2009: 16). Não supõe coerência entre os dois mundos, mas ao contrário, enfatiza a interdependência entre os espaços internos das fábricas e dos presídios e suas atividades como os dois paradoxalmente contraditórios.

Dois tipos de materiais distintos, exterior a confrontar discursos que ouvia e práticas no interior e ao contrário da representações que fornecia, tomada de lógica no exterior da fábrica. “O ideal, para manter juntos dois aspectos da realidade” (WEBER 2009: 17), dois pesquisadores no campo uma estratégia interna a outra externa.

Informações sobre a cidade qual desenvolve as observações (do bairro). Características essenciais a compreender a especificidade da população, a instalação e organização da produção, a “constituição a população operária por ondas sucessivas de imigração” (WEBER 2009: 17).

Mao de obra francesa qualificada, canaliza o trabalho pesado para as migrações, separa gêneros e estuda especificamente cada uma, inclusive chegando a conclusões sobre o desemprego, no mesmo sentido o deporte de presos para trabalhos compulsórios, atitude generalizada entre administradores de prisões², vale ressaltar que caso prisões femininas crônicas, justamente pela menor frequência das visitas.

“A mão- de- obra operaria, era, portanto bastante jovem (a média de idade era de 37 anos)” (WEBER 2009: 18), contudo as (des)ocupações desde cedo se fazem presente no trabalho diário por empreitadas ou no caso marginal com “viradas”, de situações que talvez se imbriquem na possibilidade de pensar que a maioria das atividades exercidas nas penitenciárias são levadas a cabo por detentos ,

Mais da metade dos funcionários residiam fora da cidade, o que era importante para grupos de interconhecimento, tomada de consciência, da desvalorização do local e ascensão social de famílias operaria ‘colarinhos brancos’ (WEBER 2009: 19), bem como a ascensão de iguais a comando de iguais em sistema extraídos de campos de concentração. Montbard percebida sob lógica de desprezo, estigmatizado no alcoolismo, brigas e divórcios (costumes em comum Thompson), enfim “imagem negativa multiforme”(WEBER 2009: 20).

Surgem metáforas cidades fabricas, (1ª parte) e equivalência de ambas reafirmada em Montbard, ao mesmo tempo referencia as prisões tanto como cidades e/ou fabricas, nunca acontece nada, sair de casa é sair da cidade. Depreciação do lugar não em consequência da simples e direta, característica ligada à vontade de se distinguir, procurando assim em outro lugar.

De longe pra La das montanhas, alem das cidades pra La também do infinito
existe uma cidade que pra falar a verdade foi pelo mundo esquecida os muros dessas
cidades são chamados de pavilhões cda qual com cem presos que sem sabedoria nem
visão ficam distante da realidade e foram morar numa cidade aonde não existe perdão.

Tal “organização do trabalho é determinante para as possibilidades de utilização do tempo livre pelos operários” (WEBER 2009: 19). Integração social, ritmos dominantes diferentes de dia, os aproxima em meio às jornadas e participação em grupos de noite, uma semana a cada três os isola, em atitudes que em relação ao cotidiano prisional se tornam agravadas por se relacionarem diretamente a vida e morte de pessoas³.

Compreender às particularidades no trabalho paralelo na fábricas presídios e esclarecer o método etnográfico, expondo as condições de autobiografias, que influenciam a sua aplicação. “Os resultados que pude obter com minha pesquisa são, de fato, indissociáveis, a meu ver, da análise de seu desenvolvimento. Embora a auto-análise sociológica do etnógrafo, raramente seja efetuada, pôde-se constatar sua

utilidade, ou mesmo afirmar a sua banalidade de princípios. Logo, este preâmbulo metodológico, ao mesmo tempo teórico e técnico impõe ainda mais”(WEBER 2009: 22) (etnografia do operário, trabalho operário no extremo das relações pela visão do autor, diferença gênero)

O ofício do etnólogo, ensina a apreender escutando e não questionando antecipadamente para não correr o risco de dar respostas, antes do questionamento(Jean Granier) . Princípios da prática de campo, como abordagem auxiliar ao conhecimento sociológico, por práticas sociais e culturais de interconhecimento, exercidas com todo vigor, quando se tem a narração das “memória e história e o esquecimento” de quem viveu.

Num trabalho de campo que é investigação aprofundada sobre a longa duração, “em meio social no qual todos se conhecem, ainda que às vezes se retirem da vista ou estejam indiretamente por intermédio de relações em comum. Interconhecimento dissociados do espaço geográfico, o que nos detém a tendência a descrição densa e interpretação semiótica⁴, pois igual ao trabalho de operários nas fábricas e implantação espacial sobre Montbard, evidencia o quanto as cadeias unem sistemas totais fabris e punitivos aos mesmo tempo e como consegue para além de se tornarem local de residência⁵ e com isso e já desde os início da implementação dos sindicatos series de atritos para a diferenciação entre os operários e bandidos inscritas nas carteiras de trabalho⁶.

A lógica da “distinção/imitação”(WEBER 2009: 20), não apenas por conta do lugar, “coloca em evidência cotidianamente os fracassos de sua trajetória profissional”(WEBER 2009: 20).

A cidade equivale à fábrica e a representa, as prisões equivalem a ambas, nos sistemas exclusivos e punitivos e produtivos. A política do grupo industrial transplantou operário de outras áreas, em uma população homogênea de empregados da mesma empresa, com baixos salários, pouca escolaridade filhos de migrantes “homogeneidade profissional e social”(WEBER 2009: 20), que contudo ocultam a heterogeneidade das origens geográficas e datas de chegada de pequenos grupos de pertencimento, pela etnicidade, sob um vínculo comum, que se fazem por meio de costumes em comum e das artes do fazer, seja ela no interior de favelas, nas fábricas ou nos presídios⁷.

É sob tal circunstância que “um fato social torna-se pensável e, em seguida, passível de regulamentação, uma vez avaliado”(WEBER 2009: 276).

Conseqüentemente este é o papel das ciências, posicionada entre as informações e decisões⁸, mas que particularmente busca imprimir reserva a um pequeno número de informações privilegiadas. “Esta teoria concebe implicitamente o homem como uma máquina a qual se poderia conceder ou retirar uma unidade elementar de informação”(WEBER 2009:276). Esta é a idéia de fazer uso sem restrição, das poucas fontes as quais se tem oportunidade de conversar⁹, e daí a alternativa e importância de atuar como Morelli, Sharlock Holmes ou Freud¹⁰, pelas margens a se chegarmos a oposições estratégicas e rastreamentos táticos.

“Percepção informação antecipa seu uso três condições; disposições individuais capabilities”(WEBER 2009: 277), *aprendizado* no interior da existência de *contexto* coletivo e informação a fazer sentido para uma *ação*, sob a qual a informação é pertinente. É nesse sentido que Geertz distingue a piscadela do tique.

Presente principalmente em transações econômicas, cuja ciência trabalha com ações de significados fixados por instituições e sua fixidez em rotinas¹¹.

Trocas por interesse ofertados, regulamentados presentes da empresa, práticas ilegais códigos econômicos, que revelam os valores, mas ocultam as transações, sendo assim são imorais, essa é a “luta contra o trabalho dissimulado que ataca as estratégias de sobrevivência dos mais pobres, no momento em que os crimes econômicos dos mais ricos riscam ser sancionados”(WEBER 2009: 269) e quando o Estado, favorável às mesmas¹², corre o risco de perder sua legitimidade, se a percepção política de seu papel de proteção aos ricos e da sanção aos pobres se ampliarem.

No que Florence Weber chama “Estética da contemplação socializada” e que supõe uma aprendizagem sensorial, que ao focar a atenção no presente sem questionamento, se veda a tática Certaniana, que encurta a cadeia das relações e que privilegia venda direta dessa em sentido pessoal entre produtor e consumidor.

Focando interesse nas interações, no mundo sensível e cena social, sob qual esta ganha sentido, não entretanto sem seguir três vertentes da percepção; “-o olho etnográfico, as percepções sensoriais do mundo sensível e das ações econômicas”(WEBER 2009: 270)(*cârcere renda ramin*), *travailà –côté* fornece primeira versão, assinalando a existência de contextos específicos, que as influenciam nas suas

interações, isso porque o mundo sensível ou ação humana, dependem do projeto ou intencionalidade de socialização e da cena social qual se inscreve o objeto ou a ação.

Duas disciplinas psicologia e economia, etnógrafo trabalha “*in vivo e in situ*, têm todo o interesse em precisar seus conceitos teóricos e as condições epistemológicas de sua prática” (WEBER 2009: 279). A Percepção socializada é a linha mestra do conhecimento etnográfico que frustra a relação etnógrafo e pesquisador. Talvez objetos de diferente experimentação, sob qual laboratório, isola o indivíduo do contexto social, para verificar como reage a estímulos sensoriais incitações e descobrir “como lutar para que o mundo social não se torne uma série de laboratórios, na qual os humanos são submetidos a experiências” (2009: 280).

Christopher Bowring (2004) observa quando os nazis descobriram a extermínio industrial dos judeus, mediada por instituições e dispositivos materiais, o esgotamento das tropas e os massacres testemunhado por soldado, em meio as memórias da perturbação ao excetuar. A longa a interdependência que obscurece a percepção dos homens, detrás das coisas. Questões interpessoais; “nem o anonimato, nem a relação pessoal são bons ou maus em si: mas para compreender o que permitem um e outro e em qual momento, mais vale dispor de uma etnografia capaz de estruturar o modo como seus participantes definem uma dada interação, e o que seus comportamentos devem a esta definição, dentro de uma teoria para a qual o indivíduo isolado, é uma construção social” (WEBER 2009: 280).

Cidadão isolado não é constructo social¹³. Saber condensado por diferentes interações pessoais de pertencimento e de percepções a fabricar um cidadão, para “compreender como funcionam as sociedades humanas” (WEBER 2009: 280).

Expectativas de campo, frustrações “Foi assim, igualmente, que pude jogar com múltiplos mal-entendidos que constituem o cotidiano de qualquer pesquisa. Mal-entendido sobre os temas que utilizávamos, eles e eu, como o ‘trabalho’, que para mim significava o trabalho intelectual remunerado¹⁴, e que para significava o trabalho doméstico não- remunerado, ao qual meu estatuto de mulher aparentemente desocupada me reenviava” (WEBER 2009: 265). Mal-entendidos apreciação estética(das posições cientistas em relação ao objetos)

Concatenando nesse sentido uma concepção etnográfica do ponto de vista sociológico dos diferentes pontos de vista nativos.

Em cuja classificação é insuficiente, pois remete à excessiva percepção visual, sendo dessa forma preferível tratar das “percepções sensoriais” (WEBER 2009: 266), olfativas, esquemas corporais de percepção, a dar lugar ao corpo da experiência pessoal

Observar e escutar não interrogar ou classificar palavras “um conceito sociológico deve passar pela criação das pré-noções, este é um trabalho que o pesquisador deve fazer consigo próprio, antes de mais nada” (WEBER 2009: 27). Eximir as pré-noções dos nativos, em confrontação com suas próprias classificações nativas dos seus lazes e do seu trabalho. “Para dar conta da ambiguidade conceitual destas atividades, eu utilizava a expressão trabalho de lazer, desejando ultrapassar a dicotomia-construída por uma tradição letrada- entre trabalho e lazer entre ganha-pão e passatempo, entre atividades produtivas e interessadas e atividades improdutivas e gratuitas” (WEBER 2009: 28). Escutando as pessoas de Montbard em seu trabalho paralelo, assim como escutamos sempre que possível detentos em suas duas vias presos (seguro) e solto (albergados).

“vale mais a pena escutar os nativos do que interrogá-los, não somente para ouvir suas próprias classificações, mas também para evitar receber as respostas que não seriam, senão o espelho das questões e das expectativas do pesquisador”(WEBER 2009: 29). Além do que o questionário procura agradar inventando, distância social maior quanto maior se escuta e interpreta, pois assim obtém dados e não confirmações pragmáticas.

Variações lingüísticas lexicológicas, sintáticas, classes e lugares e significados social relaciona classificações nativas marcas das diferenças sociais e “uma modalidade do principio de observação constitutivo do método etnográfico, que permite atingir simultaneamente as praticas e as visões de mundo dos nativos” (WEBER 2009: 29).

Aprender a dinâmica das relações sociais que fundam o espaço social estudado, que não suficiente, impõe reflexão, sentido e presença do pesquisador no campo, onde o estar de dentro é “principio de minha *abordagem* etnográfica”(WEBER 2009: 30). Numa fundamental definição do método etnográfico que divide opiniões e resistências¹⁵ olhar ontológico distanciado “consciência de espectador”, não participação (tende a olhar melhor a não participação, mas se vê obrigado a representante e no meu caso particular a posição do meu objeto como representante de pavilhões e da nossa como “observador participante textos”.

A análise revela posições “constituições, nas lutas cotidianas para a manutenção ou transformação” (WEBER 2009: 32). O pesquisador (de dentro) compreende este processo, pelos “menores sinais de mudança de sua relações com os nativos, e suportando os riscos que comporta, sobretudo no início, sua necessária ignorância práticas dos meios de controle do estatuto individual” (WEBER 2009: 32). Em que o pesquisador passa pelo aprendizado social.

Não se trata de sucessão cotidianas de situações com o mesmo objetivo; observar o ocupar do espaço social, local, etnológico recém-chegado. Dois métodos extremos, ambos clássicos, mas que não apreendem os mesmos fenômenos. As práticas sociais não têm todas o mesmo grau de visibilidade, legitimidade ou reconhecimento.

Existem as menos admitidas, como os lazeres operários, praticas como objetos sociais, distintos designados pelas mesma palavra, além de suas indicação sobre práticas ilegais, aquelas que próprio pesquisador julgam indignas (bricole da situação observador observado). J Favret-Saada, trata práticas sociais secretas¹⁶, cuja aprendizagem pesquisa de campo participante, investiga e acha útil para os “fenômenos menos oficiais” (WEBER 2009: 34).

Trabalho prático do operário dá todas as condições para compreender as relações entre indivíduos e suas famílias por suas reputações.

Análise dos grupos de interconhecimento, por praticas abstraídas do contexto social, pelo método etnográfico de participação controlada, possibilitam a análise dos processos concretos, estatuto, atribuição posição “classificações nativas” (WEBER 2009: 34), como palavra de reputação.

Pesquisador convertido em nativo vivencia processos de interconhecimento em lugares urbanos ou rurais pelo principio da observação etnográfica, mas também lidando com sua própria reputação, e as conseqüências em que isso consiste¹⁷.

Contudo o que inscreve o pesquisador nesse rumo é justamente a ideia do ‘estar com’ o que traz o “fazer com”¹⁸, próximo a G. Devereux ‘experiência partilhada’ (WEBER 2009: 35), implicações psicológicas, “praticas sociais, não oficiais e os processo de classificação social em meios de interconhecimentos” (WEBER 2009: 36).

Etnografia útil método de campo pela análise de fenômenos, é historicamente derivada da “sociologia da escuta”, das noções nativas variações sociolinguísticas¹⁹, algumas ligadas a posição de classe por práticas sociais não oficiais “(as quais a pratica

o permite observar)” (WEBER 2009: 36), marcadas pela posição social de atores praticas oficiais locais, de construção da reputação, processos de classificação e que através da observação formulam hipótese a serem verificadas.

O conhecimento comum tende a ação, tais observações permitem orientar e agir, no contexto do sociólogo, num tramite que determina que os fatos sejam coletados no contexto específico, observados e recolocado termos sociológicos²⁰.

Etnografia subjugada “únicos cientistas verdadeiros”(WEBER 2009: 264), três etapas “-pesquisa, analise, publicação”(WEBER 2009: 264), etnógrafo se esforça para romper com percepções do senso comum. Primeiro jogando à distância, em seguida “torna-se o tradutor ou o mediador entre os pesquisadores e seus leitores.

Oposição entre estéticas da produção e da contemplação, cultura legitima, cultura popular (Canclinni). Partilha criticas “A distinção” (boudieu), em particular a abordagem negativa das culturas populares, ao qual trabalho etnográfico consistia Certeau (1990) e Hoggart (1970), logica própria das praticas, sem reenviá-las a uma dominação simbólica, como representante das culturas dominantes permaneciam ausentes das experiências cotidianas do eu (goffman).

Não percebia culturas populares como culturas “qualquer comportamento é, antes de mais nada, cultural”(WEBER 2009: 269). Interessou-se pelas atividades das coerções do cotidiano. Recusa o lazer, desconforto ao aproximar classe de lazer e dos trabalhadores “conotação moral negativa” doença, preguiça, presos nem se falam.

Estética da produção pintura, tapeçaria, mais valor estético, quem elabora ou quem se importa que reprodução fotográfica do quadro ou imagem, sejam pretexto para manifestação do autor (gizabrug falso doiyle, freud, morelli). Estética permite compreender competências manuais e morais implicadas na cultura. Resultado distinto produtores o olhar de produtores e destinatários (formação do híbrido).

Específico interdependência artista espectador “grau zero da distancia entre um artista e seu publico” (WEBER 2009: 271).

Estudo direcionado aos de baixo, por entre a aplicação do ‘estudo de etnografia operária’(WEBER 2009: 259) e que segue em sentido compasso, com escritos sobre os quais nos tornamos relatores e que no retém com dados e hipótese, sobre a relação entre os cotidianos fabril e carcerário.

Numa etnografia marcada pela hipótese da percepção socializada, o olhar distanciado teorizado²¹, que repousa sobre a diferença entre o observador e o observado “preocupação primeira do etnógrafo, como de qualquer observador mergulhado em um universo desconhecido, é preciso escutar os participantes e saber-no limite do possível-tanto quanto eles, para conhecer suas definições da situação, correndo-se o risco de que elas divirjam, segundo os participantes, e que a interação repouse sobre um mal-entendido”(WEBER 2009: 259).“*in situ ou in vivo*”, em suas artes. Distinto do observador etnográfico de laboratório trabalha.

Geertz trabalha com a descrição destinada às percepções nativas.

Do contraste entre os esquemas culturais de percepção do mundo material social nasce o conhecimento etnográfico e a frustração dos universos diferentes.

Capacidade do etnógrafo pelo seu eu de pesquisador engajado (pesquisador separa o diário de campo de suas hipóteses) “suas hipóteses, de suas leituras e de tudo que a ele se associa, no campo ao universo acadêmico” (WEBER 2009: 262)²².

Eis que o conhecimento científico, rompe o ordinário e se utilizada cadeia de mediações teóricas e materiais, fornecidos pelas ciências da sociedade para construir conhecimentos acumuláveis sobre os protocolos metodológicos.

“Uma etnografia das percepções” (WEBER 2009: 9), com orientação e co orientação para a tradução de dois universos sociais de tensão e mal entendidos. Construindo o quadro da pesquisa, sob percepções várias sejam “estética, econômicas e científicas” (WEBER 2009: 11), num interesse multidisciplinar, desenvolvido em um ano e meio de observação cotidiano da pequena cidade operaria e suas práticas sociais fora do trabalho, ‘resistências ‘lazer’(WEBER 2009:13) e sua reprodução na favela.

Atos e palavras que a observação transforma em acontecimento, eu unidade significativa e múltiplos contextos sociais, a extrair relação entre os indivíduos e seu universo social. Nesse sentido toma de empréstimo categorias nativas, para forjar conceitos que dão conta da observação da “bricolagem”, a evidenciar certas práticas operarias e os gostos populares, distantes da simples submissões ou necessidades.

Série de acontecimentos registrados em campo com idéia do material coletado para analisá-lo

Bibliografia

WEBER, Florence. Trabalho fora do trabalho: Uma etnografia das percepções; Rio de Janeiro: 2009.

THOMPSON, E. PAUL

¹ Em termos Certeauianos

² Não precisa ficar tão íntimo do um preso para ele falar das agressões, Val Diretor que atira na cabeça do cara, o cara é um ninguém num recebe visita.

³ Ou mesmo pensar se a modernidade reestruturou sua relação com preservação da vida, ao menos em sentido discursivo.

⁴ Apreendido entre as leituras de Clifford Geertz.

⁵ Quase que permanentes se considerarmos quantitativamente as reincidências

⁶ Como que uma segunda identidade

⁷ “Nas Fabricas do Cárcere os Detentos são Artesãos” (Ramos 2011).

⁸ Já que a universidade ou comunidade científica não são órgãos executores, mas reflexivo e informativo.

⁹ Onde se é vedado o uso de assessorios de coleta das informações, onde os entrevistados estão propícios a assassinatos, transferências e quando dos albergados retornam às prisões.

¹⁰ E a não desprezível informação de que consecutivamente se conheciam

¹¹ Sempre difusa de sua forma aparente em sua forma prática

¹² E. P. Thompson e a perda das consciências de classe.

¹³ ex leitor isolado ou do pesquisador de gabinete

¹⁴ Menos em termos materiais e mais em termos culturais, sob diversas experiências práticas e várias outras teóricas pós-estruturalista estudos sócias e culturais.

¹⁵ levi-etnógrafo de gabinete

¹⁶ Exemplo feitiçaria, Ginzburg

¹⁷ Para um pesquisador de prisões, mas principalmente para informantes e recusa de alguns em seu “envolvimento”.

¹⁸ Certeau artes do fazer Helmano Ramos Na fábrica do cárcere os detentos são artesãos

¹⁹ Sobre os códigos das tatuagens e das gírias de cadeias

²⁰ O mesmo faz Bloch no sentido historiográfico.

²¹

²² Num jogo qual resguarda, esconde ou mostra, e a forma com que isso é mostrado e defendido ante os pares